

JOVENS CORTADORES(AS) DE CANA: identidades de gênero e projetos de futuro

GRACIOLI, Maria Madalena*
VANNUCHI, Maria Lúcia**

Resumo

Este artigo deriva da leitura de gênero de uma pesquisa de caráter qualitativo que focaliza as trajetórias de vida e projetos de futuro de jovens cortadores(as) de cana da região de Ribeirão Preto, interior paulista. Apoiado em formulários, analisa a interseccionalidade de gênero, juventude e classe social - categorias analíticas e relações sociais - tendo como referenciais teóricos os estudos sobre a juventude de Pais e Feixa, e estudos de gênero de Scott, Kergoat, Hirata e Bourdieu.

Palavras-chave: Juventude. Trabalho. Gênero. Projetos Futuros.

Abstract

This paper derives from a reading of a gender qualitative research study that focuses on the life trajectories and future projects of young sugarcane cutters from the Ribeirão Preto region (SP). Based in formularies, examines the intersectionality of gender, youth and social class - analytical categories and social relations - having as theoretical frameworks studies about youth of Pais and Feixa, and gender studies of Scott, Kergoat, Hirata and Bourdieu.

Keywords: youth. Work. Gender. Future Projects.

Introdução

Este texto, ora reformulado para publicação no Caderno Espaço Feminino¹, deriva da leitura de gênero de uma pesquisa de caráter qualitativo, ainda em andamento, intitulada “Entre o passado e o futuro: trajetórias de vida e projetos de futuro de jovens cortadores(as) de cana da região de Ribeirão Preto - SP”.

* Doutora em Sociologia pela Unesp de Araraquara (SP), e Pós doutorado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra – CES/UC, professora e coordenadora de curso da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava – SP. Linha de pesquisa: Juventude, educação e trabalho. Endereço eletrônico: lenagracioli@gmail.com.

** Doutora em Sociologia pela Unesp de Araraquara (SP), professora adjunta do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (MG). Linha de pesquisa: Gênero e Trabalho. Endereço eletrônico: maluvannuchi@yahoo.com.br

¹ Texto originalmente apresentado no Simpósio Temático “Juventudes, gênero e diversidade”, no Seminário Fazendo Gênero 9 - Diásporas, diversidades, deslocamentos, realizado de 23 a 26 de agosto de 2010, no Campus da UFSC, em Florianópolis (SC), sob o título “As marcas das relações de gênero nas trajetórias e projetos de vida de jovens cortadores(as) de cana”.

A seleção de jovens pesquisados(as), na faixa etária entre 16 e 25 anos, foi realizada de forma aleatória e como recursos metodológicos estão sendo utilizados formulários, entrevistas semiestruturadas e grupos focais.

Os(as) respondentes de formulários são oriundos de famílias pobres; tiveram poucas oportunidades de estudo, e aprenderam a garantir a sua sobrevivência manuseando o facão no corte de cana, em árduo e diuturno trabalho, nas modernas usinas localizadas no interior do Estado de São Paulo. No diálogo com os(as) jovens, as pesquisadoras atentaram durante os processos da pesquisa, para aspectos não explicitados, mas perceptíveis nas expressões fisionômicas, nos silêncios, nas hesitações, nas entrelinhas das falas dos(as) jovens cortadores(as) de cana.

A utilização de diferentes instrumentos de coleta de dados tornou-se necessária, uma vez que a investigação focaliza uma categoria social que resulta da confluência de diferentes marcadores sociais: classe social, gênero e faixa etária. Os diferentes instrumentos utilizados contribuem para retratar as trajetórias de vida desses singulares sujeitos pesquisados; permitem apreender seus projetos de futuro, e a percepção que têm os(as) jovens cortadores(as) de cana acerca do trabalho nos canaviais, da escola, do mundo juvenil e do futuro.

Antes da aplicação dos formulários foi realizado contato com os(as) participantes visando obter seu consentimento para participarem da pesquisa, para esclarecer os objetivos do estudo, e evidenciar a relevância do seu depoimento na elaboração da pesquisa e, ainda, assumir perante eles(as) o compromisso de preservar as suas identidades.

Esse artigo focaliza a interseccionalidade de gênero, juventude e classe social - categorias analíticas e relações sociais - e tem como marcos teóricos os estudos sobre a juventude de Pais e Feixa, ancorando-se também em algumas vertentes das teorias de gênero, sobretudo nas elaborações de Scott, Kergoat e Hirata, bem como nas reflexões de Bourdieu acerca do processo de construção das subjetividades. Na medida em que a pesquisa retrata jovens cortadores(as) de cana, não se poderia deixar de abordar a imbricação dos marcadores sexuais e etários, com classes sociais.

A análise dos dados e depoimentos, até então coletados, permite constatar aspectos sexuados das trajetórias de vida e do percurso profissional, das subjetividades, das representações, das expectativas, e dos projetos de futuro dos(as) jovens cortadores(as) de cana pesquisados(as). Evidenciam também que os(as) jovens, pela baixa escolaridade e por falta de oportunidades no mercado de trabalho, acabam tendo o trabalho nos canaviais como uma das poucas opções de sobrevivência.

Referencial teórico-metodológico

A juventude é, de início, uma categoria social difícil de ser definida. Ainda assim, ao longo do século XX e nesse início do século XXI essa temática tem despertado a atenção dos sistemas educacionais e de saúde, de agentes políticos e investigadores(as) que procedem a investigações no intuito de proporcionar um panorama esclarecedor da realidade juvenil.

É na modernidade que a juventude constitui-se enquanto grupo social e sob o recorte temporal referente a uma fase específica do percurso de vida, caracterizada pelas condições vivenciadas em diferentes contextos histórico-sociais. Na medida em que estes se encontram em permanente estado de mutação, o conceito de juventude, como construção cultural, também vai passando por incessantes reformulações. O que é ser jovem muda no tempo e espaço, e assim, também as concepções acerca de suas características, atribuições, funções, bem como dos seus deveres e direitos.

Para Pais (1993, p. 29) “a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo”. Igualmente o antropólogo espanhol Carles Feixa (1999) aponta que a existência social da condição jovem, em qualquer sociedade da história humana, deve ser observada quando estão presentes condições sociais e imagens culturais que se identificam especificamente com o mundo juvenil. Portanto, pode-se entender que as noções de infância, juventude e mundo adulto são históricas e variam segundo os grupos humanos. Dessa forma, é fundamental na análise das relações que se estabelecem entre as gerações levar em conta as dimensões espaço-temporais.

Juventude, segundo o paradigma social contemporâneo é uma fase de preparação para se assumir os papéis da vida adulta. De acordo com Casal (1988), tomar a juventude como transição permite incorporar ao discurso da juventude os conceitos de processo, transformação, temporalidade e historicidade. Coloca-se, pois, em evidência que a realidade juvenil é determinada por processos de transição desiguais e essas diferentes trajetórias respondem pelas diversas formas de ser jovem e de planejar o futuro.

É importante no contexto dessa investigação distinguir dois conceitos relativos aos estudos de juventude que normalmente encontram-se inter-relacionados: o de trajetória e o de transição. Para GIL CALVO a trajetória “é o itinerário completo que o jovem traça desde que começa a sê-lo, a partir do momento em que abandona a sua infância, até que o deixa de ser, quando entra na idade adulta” (2011, p.39). Ou seja: uma trajetória de vida que começa no

nascimento do jovem, após o parto da sua adolescência, e finda quando ele renasce como adulto.

Por transições, entendem-se os sucessivos eventos que ocorrem na sua trajetória, “sucedendo-se como fases transitórias ao longo do ciclo de vida juvenil: escolaridade, procura de emprego, início da carreira profissional, namoro e casamento, constituição de família, conquista da posição adulta [...]” (GIL CALVO, 2011, p.39); desse modo, correspondem aos meios e às oportunidades que surgem, e que são utilizadas para alcançar os objetivos almejados.

As atitudes dos(as) jovens e as suas expectativas em relação ao futuro podem ser consideradas dimensões privilegiadas para se apreender as suas referências culturais. Assim, este estudo dirige seus questionamentos tanto para a realidade do trabalho quanto para as expectativas e os projetos de futuro de jovens cortadores(as) de cana-de-açúcar da sub-região de Ituverava, interior paulista. O trabalho no corte da cana, para esses(as) jovens é uma das poucas alternativas, não raro a única, para, no presente, garantir a própria sobrevivência, a despeito de seus projetos de futuro irem muito além dos canaviais.

Os(as) jovens investigados(as) nesse estudo, possuem baixa escolaridade, o que limita sua inserção no mercado de trabalho; encontraram, no corte da cana, a possibilidade de emprego, e dadas as difíceis condições laborais do trabalho manual que executam, a “luta pela vida”, marcada por profunda vulnerabilidade, faz com que a vida deixe de ser plenamente vivida.

Considerando que um dos paradigmas que envolvem a juventude é o de preparação para assumir os papéis de adulto, o trabalho para os(as) jovens é considerado pela sociedade como legítimo e necessário, uma vez que é por meio dele que vão se tornar adultos(as) produtivos(as) e autônomos(as). No entanto, como observa CASTRO (2001, p. 43), “trabalho e juventude são campos de polêmica, [...] não havendo consenso sobre a propriedade da inserção no mercado de trabalho quando se trata de uma população que, em princípio, deveria estar dedicada aos estudos [...]”. A autora observa ainda, que as mudanças no mundo do trabalho demandam habilidades que nem sempre os(as) jovens das camadas populares dominam, tais como os conhecimentos em informática e línguas estrangeiras, o que leva a uma redução da oferta de postos de trabalho para grande parcela de jovens. Percebe-se assim, que aos(às) jovens das camadas populares com pouca escolaridade, restam os trabalhos precários e mal remunerados, como o dos(as) cortadores(as) de cana.

As condições de trabalho destes(as), a despeito do desenvolvimento do setor sucroalcooleiro no Brasil, e especificamente no Estado de São Paulo, não conheceram

substanciais mudanças: eles(as) continuam cortando, carregando e organizando diariamente toneladas de cana. Mudou apenas a intensidade do seu trabalho, na medida em que os novos modelos de gestão impuseram um ritmo mais acelerado de trabalho. Os atuais modos operatórios mapeiam os movimentos e gestos dos(as) trabalhadores(as), para, inclusive, prescrever a posição ideal de seus corpos para desferirem os golpes de facão, com a finalidade de aumentar a produtividade e a produção. Também não sofreu significativa modificação a forma de pagamento, por produção que, segundo Alves leva à sobrecarga de trabalho e ao desgaste da saúde do(a) trabalhador(a):

O corte de cana é realizado ao ar livre, sob o sol, com o trabalhador equipado com uma vestimenta composta de botas com biqueira de ferro, calças de brim, perneiras de couro até o joelho contendo três barras de ferro frontais, camisa de manga comprida, chapéu, lenço no rosto e pescoço, óculos e luvas de raspa de couro. Portando toda essa vestimenta, os equipamentos (um facão, ou podão de metal com lâmina de meio metro de comprimento, mais uma lima) e a realização do trabalho sob o sol levam a um elevado dispêndio de energia, o que por si só são elementos deletérios à saúde. (ALVES, 2008, p.9)

A tarefa do(a) cortador(a) de cana à primeira vista pode parecer simples: com um facão afiado corta a cana com golpes dados na base da planta, rente ao solo, despreendendo as varas das raízes; em seguida, corta a ponta superior - ponteira - onde estão as folhas verdes, que não têm sacarose e, por isso, não servem às usinas. Por fim, carrega a cana cortada até a linha² central do eito³, onde é colocada em montes, para ser recolhida por tratores denominados guincheiras, que a depositam em caminhões para ser, em seguida, transportada para as usinas. Essas sucessivas tarefas não são simples; ao contrário, além de força física demandam destreza, agilidade, coordenação motora, e sobretudo, muita precisão.

O trabalho pesado e desgastante do(a) cortador(a) de cana faz lembrar a etimologia do termo:

O termo trabalho tem raízes etimológicas no latim: trabalho dizia-se *tripalium* que designava também um instrumento de tortura composto por três estacas cruzadas ou paus (do latim *palu*). Com esse instrumento (*tri-palum*) os réus eram torturados. Aliás, na Bíblia, também aparece a ideia do trabalho associado à “tortura”, ao “castigo”. Quando Adão contraria a vontade de Deus, é-lhe dada a possibilidade de “purificação” através do “sacrifício laboral”. (PAIS, 2003, p. 18-19).

Moraes (1999) observa que são considerados “bons cortadores” de cana principalmente os jovens do sexo masculino, negros e mulatos. A seleção desses(as) jovens

² Fileiras de cana plantadas paralelamente.

³ Agrupamento de linhas de cana; geralmente 5 linhas, podendo ser encontrados também eitos com até 8 linhas.

trabalhadores(as) é pois, sexuada e racializada, mas tal preferência é naturalizada sob o argumento de estes terem mais força física, necessária para realizar o extenuante trabalho.

Os(as) jovens cortadores(as) de cana selecionados(as) para essa investigação - popularmente denominados(as) bóias-frias - têm um perfil híbrido: são moradores(as) das cidades, com todas as características dos(as) demais jovens urbanos(as), mas, são trabalhadores(as) rurais que realizam um trabalho pesado, precarizado e mal remunerado, nas roças.

Os dados analisados apontam as marcas das relações de gênero no universo pesquisado, seja nas condições pessoais de vida e nas relações de trabalho, seja nas concepções, representações e subjetividades de cortadores(as) de cana do sexo feminino e masculino.

Na medida em que este texto focaliza a intersecção das categorias juventude e gênero, procede à análise comparativa das condições materiais, objetivas de vida e trabalho, e dos sistemas simbólicos de jovens cortadoras e cortadores de cana.

As teorias de gênero, a despeito da diversidade de abordagens, compartilham a concepção de que o gênero e respectivas identidades, ainda que apresentados como naturais, são constructos. E este é também o grande ponto de encontro entre os(as) teóricos(as) de juventude e de gênero: eles(as) debruçam-se sobre categorias analíticas e relações sociais resultantes de processos culturais, históricos e sociais.

As diversas vertentes dos estudos de gênero têm como objetivo comum a desnaturalização do social; o propósito de elucidar o incessante processo de construção histórico-social e cultural de mulheres e de homens, conforme contextuais padrões. Scott pontua que as pessoas nascem simplesmente do sexo feminino e do sexo masculino, mas a criação dos paradigmas de mulheres e de homens passa pela elaboração cultural de tais características. Ela ressalta o processo de construção das idéias acerca dos papéis, das funções, das posições de mulheres e de homens no bojo de relações de poder, desvelando, assim, as origens sociais das identidades de seres de sexos diferentes.

O gênero torna-se antes, uma maneira de indicar 'construções culturais' - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. (SCOTT, 1995, p. 75).

Sem negar as particularidades biopsíquicas individuais – o que significaria resvalar para um essencialismo sociológico - as teorias de gênero revelam o processo de construção das relações de gênero, forma particular de relações sociais, marcada pela desigualdade. A

categoria conceitual “gênero” traduz, pois, “a organização social da diferença sexual”. (SCOTT, 1998, p. 115). E uma vez que este texto objetiva pontuar aspectos dessa organização social da diferença sexual, especificamente no mercado de trabalho, também muito contribui a abordagem, de base marxista, da teoria das relações sociais de sexo, cujas análises enraízam-se no sexo como categoria social, relacional, dentro da estrutura da sociedade de classes.

Articular produção/reprodução significa para mim, trabalhar simultaneamente sobre dois grupos de relações sociais, relações entre os sexos e relações de classes, relações que chamaremos respectivamente *opressão* e *exploração*. (KERGOAT, 1987, p.83).

Os estudos das relações sociais de sexo/gênero permitem a apreensão das diferenciações hierarquizadas na relação entre mulheres e homens, que se estabelecem no processo produtivo; possibilitam o desvelamento de uma construção histórico-social do ser mulher, do ser homem. Uma construção que estabelece relações de poder, inscritas sobre corpos sexualizados, forjadas objetivamente por múltiplas instâncias sociais, e que se subjetivam através de mecanismos de socialização. A desigualdade instituída a partir de diferenças naturais que não a justificam, transversalmente perpassa todos os espaços da vida humana, do reprodutivo ao produtivo. Sem sombra de dúvidas, a vivência de uma jovem cortadora de cana é diferente da vivência de um jovem cortador de cana.

Eixos da pesquisa

A pesquisa sobre a qual este texto assenta-se vem sendo realizada na sub-região de Ituverava, que engloba os municípios paulistas de Ituverava, Aramina, Buritizal, Miguelópolis, Igarapava e Guará. Apesar de utilizar alguns dados quantitativos, ela é, sobretudo, qualitativa.

Este texto baseia-se na análise de um *corpus* de quinze formulários, oito destes respondidos por jovens cortadoras de cana e sete, por jovens cortadores de cana.

As informações coletadas serão objeto de análise comparativa de gênero e, por razões éticas de pesquisa, os(as) jovens cortadores(as) de cana terão sua identidade preservada, e serão, quando necessário, identificados(as) por meio das letras M. e H., iniciais de mulheres e homens, seguidas das iniciais de seus prenomes. Desta feita, as jovens cortadoras de cana serão identificadas pelas letras: MM, MCi, MD, MF, MCI, ME, MJ, ML, e os jovens cortadores de cana, respectivamente, pelas letras HD, HF, HJo, HR, HJr, HA, HG.

Na análise, que se segue, serão trabalhados três eixos fundamentais:

1- Família e escolaridade.

2- Trabalho e trajetória profissional.

3- Subjetividades, representações, expectativas e projetos de futuro.

1 - Família e escolaridade

Todas as cortadoras de cana entrevistadas são solteiras, moram com suas famílias, e apenas duas delas não têm filhos(as). Sua faixa etária estende-se dos 18 aos 24 anos. Em relação aos cortadores, os sete participantes da investigação são solteiros, e somente dois moram com suas famílias; os outros cinco moram sozinhos. Apenas um deles é pai, e suas idades variam de 19 a 25 anos. Vale observar a ligação mais estreita com as famílias por parte das cortadoras de cana, e de forma comum a cortadoras e cortadores, uma tendência que tem marcado a sociedade contemporânea, independentemente do segmento social: a permanência mais prolongada dos(as) filhos(as) na casa dos pais, do que a verificada há poucas décadas, quando a revoada do ninho familiar acontecia em mais tenra idade. No caso dos(as) cortadores(as) de cana, um dos principais motivos desta prolongada permanência, está relacionado principalmente aos baixos salários que os(as) impedem de ter acesso à casa própria.

O nível de escolaridade dos(as) jovens cortadores(as) de cana é baixo. Apenas uma cortadora de cana cursava o Ensino Médio; todos(as) os(as) demais tinham ensino fundamental incompleto, e no momento não estavam estudando. Corroboram, pois, os dados divulgados pelo IBGE: entre os(as) jovens de 18 a 24 anos, 36,5% não completaram o ensino médio e não estavam estudando em 2010, período de realização das entrevistas, e, no caso dos(as) cortadores(as) via de regra, por falta de recursos, de tempo, ou pela dificuldade em conciliar trabalho e estudos.

Todos os rapazes e a maior parte das jovens afirmaram ter abandonado os estudos para trabalhar, porém, duas mulheres revelaram tê-lo abandonado em virtude de gravidez e necessidades domésticas.

Indagados(as) se gostariam de voltar a estudar, apenas um rapaz respondeu negativamente e não justificou a resposta; a afirmativa predominou entre os rapazes, que consideram os estudos, eficaz mecanismo para a melhoria de vida. As respostas das jovens trabalhadoras diferem das de seus colegas: quatro delas responderam que não gostariam de voltar a estudar, duas não responderam a questão e apenas duas disseram que gostariam, com vistas ao próprio aprimoramento e a um emprego melhor.

Vale ressaltar que a única cortadora de cana que atualmente estuda, explicitou a razão fundamental para fazê-lo: “Para meu namorado não me menosprezar” (ME.) A resposta sugere que ME coloca no olhar do outro a sua validação; necessita da aprovação do namorado para constituir-se.

Bourdieu (1999) enfatiza a presença na mulher de dois corpos: o corpo para si e o corpo-para-o-outro. Este é um ser percebido através de categorias dominantes, ou seja, masculinas, que a mulher termina por internalizar para assim ser considerada feminina e então, legitimada e, dessa forma, ter algum poder, que não emana de seu ser, mas um poder concedido, delegado como prêmio pela sujeição a valores e padrões socialmente estabelecidos. A representação de seu corpo, antes de ser algo subjetivo é a objetivação conferida pelo olhar e discurso alheios, o *feedback* reenviado pelos(as) outros(as).

2- Trabalho e trajetória profissional

Indistintamente todos(as) os(as) cortadores(as) afirmaram trabalhar pela necessidade de sobrevivência, porém enquanto os rapazes enfatizam a questão da própria autonomia, as jovens ressaltam a questão da criação de filhos(as), ajuda financeira às famílias, trazendo à baila a sempre problemática dupla jornada de trabalho.

No trabalho, as jovens cortadoras de cana exercitam uma polivalência muito mais acentuada do que a dos jovens cortadores de cana: enquanto estes majoritariamente ficam apenas no corte de cana, quase todas as trabalhadoras revelaram que além do corte de cana, incumbem-se do plantio e da limpeza do canavial, na forma de capina do terreno, da aplicação de inseticidas, e extermínio de formigas.

A introdução da categoria gênero faz-se necessária, pois as condições de trabalho e de emprego, as situações de trabalho, as formas de inserção na atividade de mulheres e homens variam consideravelmente segundo o sexo da mão-de-obra. (HIRATA, 1998, p.7).

Os(as) jovens pesquisados(as) revelaram, predominantemente, trabalhar no corte de cana por falta de uma alternativa melhor. Nenhum rapaz afirmou gostar de seu trabalho ou ver qualquer vantagem em cortar cana. Todos, sem exceção, explicitaram o desejo de ter outro emprego.

Entre as mulheres a avaliação do trabalho não é consensual; quatro delas, revelaram não gostar de seu trabalho, seja pela exposição excessiva ao sol, seja por ser muito pesado; as outras afirmaram gostar, duas destas, por nele ter a fonte de seu sustento. A lavradora ME afirmou: “Gosto [do trabalho] porque me distrai e cura minha depressão”.

A resposta causa impacto e evidencia o caráter também sexuado da saúde. Giddens (2005) afirma que as mulheres têm maior expectativa de vida do que os homens, doenças menos ameaçadoras à vida do que estes, e apresentam menor índice de morte por acidente e violência. Mas, em contrapartida são mais suscetíveis a contraírem doenças crônicas, e apresentam um nível muito mais elevado de ansiedade e depressão do que os homens, o que se possibilita inferir como consequência de sonhos e projetos frustrados, de renúncias e sobrecargas no acúmulo de funções e tarefas desempenhadas nos universos doméstico e extra-doméstico.

Todas as trabalhadoras pesquisadas, sem exceção, gostariam de encontrar outro trabalho, dentre os quais, de cozinheira, empregada doméstica, assistente social, secretária de escritório, vendedora. Vale observar que todas as atividades profissionais por elas citadas visam à reprodução, no espaço extra-doméstico, das funções de servir, limpar, cuidar, ensinar, educar, cotidianamente realizadas no universo doméstico.

Abramo (*apud* BRITO E OLIVEIRA, 1997), com muita pertinência, afirma pairar sobre a trabalhadora a sombra de outra mulher, vinculada à vida doméstica, que a limita, cerceia e tolhe seus passos.

Indistintamente todos(as) os(as) jovens trabalhadores(as) que responderam ao formulário consideraram importante trabalhar para garantir a própria sobrevivência; no entanto poucos rapazes explicitaram a importância de seus ganhos no sentido de compor o orçamento familiar, enquanto quase todas as jovens revelaram que seus ganhos destinam-se fundamentalmente às despesas domésticas e à manutenção da família, o que atesta a priorização do universo familiar pela mulher. Dessa forma, pode-se afirmar que significativa parcela da reprodução familiar fica por conta do trabalho destas, correspondendo ao que Frigotto (2004, p.181) chama de “processo de adultização precoce”.

Consideramos muito significativas duas respostas dadas à questão “você acha importante trabalhar?”

Sim, porque o trabalho é a honra da pessoa. (MM).

Sim, porque o homem vive de trabalho. (HJo).

Tanto em voz feminina quanto, em masculina, explicita-se uma valoração positiva do trabalho que, se de um lado pode significar a visão crítica do trabalho alienado que realizam, contraposta à utopia do trabalho humanizado que gostariam de realizar, de outro, pode expressar uma representação resultante da introjeção da ideologia burguesa do trabalho,

travestida de pretensão caráter universal, transcendental e a-histórico, capaz de obscurecer o teor de exploração e estranhamento do trabalho alienado em suas configurações reais. Desse modo os (as) jovens vinculam o argumento apoiado na “ética tradicional”, que o “trabalho dignifica o homem”, e pensam o trabalho que realizam como uma atividade boa e apropriada, independentemente de como é realizado e remunerado. Esse pensamento gera uma perversa aliança tácita entre os(as) trabalhadores(as) e os(as) empregadores (as), que se utilizam da mesma ideologia para conseguir maior produtividade do(a) trabalhador(a).

Outra resposta, também digna de registro veio da lavradora MCl:

“Enquanto trabalho, não penso no que não presta”.

Revela a percepção de trabalho como válvula de escape de condições insatisfatórias de vida. A fala faz lembrar Marx quando alerta, na Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel (2005), para a necessidade de abandonar uma condição de vida que necessita de ilusões, para edificação de uma vida plena.

Segue na mesma direção a resposta da jovem trabalhadora MM, à pergunta “quais as vantagens de o(a) jovem cortar cana?”

“Não estar na rua à toa fazendo o que não deve”.

Ao fazer esta afirmação a jovem reconhece as poucas oportunidades de emprego para os(as) jovens, e ainda, que pelas suas condições sociais, dificilmente teria acesso a um ócio enriquecedor. Considera, assim, que ao estar rua sem nada para fazer, como comumente dizem: _ “vendo o tempo passar”, “jogando conversa fora”, “marcando bobeira” estaria mais exposta a riscos. Desse modo, incorpora a ideia de que trabalhar nos canaviais é menos perigoso, uma vez que só vislumbra duas e excludentes alternativas: de um lado, o desemprego e o contato com possíveis malefícios, derivados de ações transgressoras, marginais ou mesmo de controle disciplinar; de outro, um trabalho desgastante que mais parece uma pena que se paga por viver.

O lazer das jovens e dos jovens cortadores(as), no pouco tempo que lhes é liberado pelo trabalho, tem pontos comuns: participam de eventos e esportes coletivos que integram e reforçam a trama de relações sociais vivenciadas, ou ouvem músicas e assistem, no aconchego do lar, a programas televisivos. Mas, vale lembrar, as cortadoras somente após

concluírem os afazeres domésticos, que são ideologicamente considerados incumbências das mulheres.

Os(as) jovens cortadores(as) de cana revelam ressentir-se da falta de confiança que, percebem, a sociedade lhes creditar, e da falta de oportunidades no mercado de trabalho, sobretudo, em se tratando do primeiro emprego. Cai-se, pois, no clássico círculo vicioso: para acesso ao primeiro emprego exige-se a experiência, que se obtém justamente no trabalho. Outro círculo vicioso diz respeito à relação trabalho e estudo: o baixo nível de escolaridade dificulta o acesso a melhores empregos; a qualificação requer estudo, mas é difícil conseguir estudar, trabalhando. Situações que podem ser traduzidas pelo popular adágio “se correr o bicho pega, se ficar, o bicho come”.

No entanto, sobraram respostas à pergunta acerca das desvantagens de cortar cana, que podem ser resumidas em termos de aspectos relacionados ao ônus de um trabalho desgastante, mal remunerado, e que dificulta ou até mesmo impossibilita os estudos, e também em termos de um trabalho prejudicial à saúde, sobretudo no que tange à sobrecarga da coluna, e à exposição excessiva ao sol que traz danos à pele e envelhecimento precoce. E soma-se a tais desvantagens, por eles(as) citadas, a forma preconceituosa e discriminatória pela qual consideram ser vistos (as) pela sociedade:

Quando chego na cidade suja de terra me olham com nojo. (MF).

[...] com indiferença; ninguém quer casar com quem corta cana. (ME).

[...] com preconceito, com dó. (HD).

Parafrazeando a epígrafe de John Donne, que abre as páginas do clássico “Por quem os sinos dobram”, de Ernest Hemingway, nenhum ser humano é uma ilha; a necessidade de aceitação social é estruturante dos sujeitos sociais. Pode-se, pois, mensurar o impacto nos(as) jovens cortadores de cana dessa constatação do desprezo ou menosprezo que lhes dispensa a sociedade.

Para melhorar as suas condições de vida e trabalho os(as) jovens apontam a necessidade de reajustes salariais, de redução da jornada de trabalho, de maiores oportunidades de estudo, e até mesmo sugerem uma simples cesta básica. Não podemos deixar de considerar que há algo errado no cenário: um trabalho extenuante, que absorve grande parte do tempo de trabalhadores(as) que, no final das contas, clamam por práticas assistencialistas, tal como uma cesta básica doada por órgãos públicos. Se justas fossem as relações de trabalho, por certo prescindiriam de tais paliativos. E é quase consensual o desejo

demonstrado pelos(as) trabalhadores(as) pesquisados(as) de deixar de cortar cana, de conseguir outro trabalho, menos árduo e que possibilite realizar seu potencial humano de criação.

Se lançarmos mão do referencial de Kowarick (1985), o trabalho no corte de cana poderia ser um exemplo ilustrativo do conceito de “marginalidade”, uma vez que integra setores tradicionais da estrutura produtiva, é realizado à base do dispêndio de força física, utilizando-se de instrumentos rudimentares, prescindem de qualificação ou especialização para o exercício das tarefas realizadas, além de constituir-se como mão-de-obra flutuante.

4- Subjetividades, representações, expectativas e projetos de futuro

Diante da pergunta “o que é ser jovem para você?” que visava retratar as representações dos(as) jovens cortadores(as) de cana acerca da própria categoria “jovem”, a resposta dada pelos rapazes seguiu na direção do divertir-se, ser ousado, teimoso, alegre. Essa ousadia mais marcada nos rapazes é também resultante de uma socialização sexualmente diferenciada, como atesta Simone de Beauvoir:

[...] a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. A imensa possibilidade do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a por-se para si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se em rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas. Subindo nas árvores, brigando com colegas, enfrentando-os em jogos violentos, ele apreende seu corpo como um meio de dominar a natureza e um instrumento de luta; orgulha-se de seus músculos como de seu sexo. Através de jogos, esportes, lutas, desafios, provas, encontra um emprego equilibrado para suas forças; ao mesmo tempo conhece as lições severas da violência; aprende a receber pancada, a desdenhar a dor, a recusar as lágrimas da primeira infância. Empreende, inventa, ousa. (BEAUVOIR, 1980, p. 21-22).

Mas, uma resposta dissonante dessa ousadia quase irreverente foi profundamente desconcertante: *Não sei, não tive juventude* (HF). O que tal resposta significaria? A sensação do não vivido, de ser o que nunca se foi? De uma vida que leva as pessoas a pularem necessárias etapas, por não permitir que crianças e jovens, precocemente lançadas na luta pela sobrevivência, sejam efetivamente, na hora certa, crianças e jovens? É uma resposta que gera outras tantas indagações...

E quanto à questão: o que seria necessário para se tornarem adultos(as), embora quase todos(as) os(as) entrevistados(as) tenham afirmado já se considerarem adultos(as), referiram-se, em seguida, à sua boa relação com adultos(as) no trabalho, acrescentando que deles(as) recebem conselhos e ensinamentos. Ou seja: a fala é contraditória porque inicialmente

afirmam-se como adultos(as), e em seguida referem-se a adultos(as) como os(as) outros(as), como as pessoas mais velhas com os(as) quais se relacionam; como “eles - adultos”, diferentes do “nós” - jovens.

Alguns(as) jovens referiram-se ao amadurecimento e à constituição de família, como condições para tornarem-se, efetivamente, adultos(as).

Para as jovens trabalhadoras, ser jovem, além do marcador etário, é ter saúde e disposição. Principalmente para quê? Para trabalhar e cuidar dos(as) filhos(as).

É possível perceber nas diversas respostas, uma perspectiva mais individualista dos jovens trabalhadores, enquanto que, entre as jovens trabalhadoras, aparece uma perspectiva mais coletivista, mais cooperativa e assentada em laços familiares. Também quanto à questão profissional, vale enfatizar, as representações são sexuadas: os jovens cortadores de cana percebem o trabalho como mecanismo de autonomia, enquanto as jovens cortadoras de cana vinculam-no ao cenário de criação de filhos(as) e ao sustento de suas famílias.

E como se delineia aos(às) jovens cortadores(as) de cana, o futuro?

Geralmente o futuro é visto como algo situado numa linha temporal cuja especificidade é ir sempre em frente; é progredir sem jamais voltar ao ponto de origem, sem fechar o círculo. Passado, presente e futuro são recortes temporais, e o futuro tende a ser compreendido como o projeto para depois do agora.

De modo geral os(as) jovens cortadores(as) de cana são otimistas: depositam esperanças no futuro, acreditando na possibilidade de melhoria das condições de vida e trabalho - o que para eles(as) pressupõe a perspectiva de constituição/ manutenção de família - e consideram que seu trabalho de hoje contribui para a construção de um futuro melhor. Apenas dois rapazes mostraram-se pessimistas quanto ao futuro, e consideraram não estar se preparando devidamente para o que virá.

Mas, quase todos(as) revelaram temer o futuro, que sabem ser incerto. Os rapazes enfatizaram o medo do desemprego, fantasma que os(as) assombra pela relação direta que acreditam existir entre desemprego e baixa qualificação. As trabalhadoras comungam esses temores, mas revelaram a preocupação com a criação de filhos(as), e medos mais abstratos, indefinidos, de episódios sem data certa ou hora marcada para acontecer, a exemplo de possíveis situações de adoecimento e morte.

Dentre os projetos de futuro revelados, em síntese, a tônica recai sobre o desejo de constituir ou manter família e garantir seu conforto, sobre o sonho da casa própria, sobre o sonho de estudar visando a melhores empregos e condições de trabalho, e até mesmo, o sonho

da aposentadoria. Por que não? É o momento de se libertar de um trabalho que exaure, aliena e parcamente garante a sobrevivência.

Mesmo num contexto desfavorável e penoso os(as) jovens depositam no futuro todas as esperanças de melhores condições de existência; desse modo, o futuro ganha centralidade em suas vidas; é um tempo à frente, um tempo que adia as recompensas, um tempo que se nutre da força de vontade e da fé, da coragem de seguir adiante. E sendo um presente de carências, também deixa espaço para algum justificador fatalismo, a exemplo do fatídico “era meu destino”, caso suas perspectivas se frustrem.

Assim, o futuro é para esses(as) jovens, resultado do trabalho de hoje, que sonham transformar no futuro desejado. Sonhos estes que construídos no limiar de dois mundos, amalgamam atribuições e desejos dos mundos juvenil e adulto.

Considerações Finais

Os(as) jovens cortadores(as) de cana, ora pesquisados(as), percebem que a sua situação, no presente, restringe o campo das possibilidades futuras: sabem de cor as dificuldades, os problemas e desafios que já enfrentam no presente, e têm consciência das dificuldades para a realização dos seus sonhos e projetos de futuro.

A despeito da consciência das próprias limitações e dos temores que revelaram, tendem a acreditar que o futuro lhes reserva melhores condições de vida, e é, sobretudo, para esta finalidade que trabalham, que envidam esforços.

Desta forma, experimentam uma relação contraditória com seu trabalho: de um lado percebem-no como um dos poucos meios, ou talvez o único, capaz de assegurar, no presente, o próprio sustento e de seus familiares; de outro, consideram-no árduo e extremamente desgastante, o que os(as) faz desejar outra atividade profissional.

As condições de trabalho dos jovens cortadores de cana são diferentes das condições de trabalho das jovens cortadoras de cana, haja vista a maior polivalência destas no desempenho de diferentes tarefas nas lavouras de cana, e na articulação das atividades profissionais e familiares, uma vez que a labuta doméstica e a criação de filhos(as) são assumidas de forma muito desigual pelas cortadoras e pelos cortadores de cana.

Porém, a despeito das diferenças dos marcadores identitários de gênero, ora analisados, os(as) jovens cortadores(as) de cana enfrentam o desafio comum de, através de seu trabalho, garantir no presente a própria sobrevivência, e preparar-se para, no futuro, integrar o incerto mundo adulto.

O futuro é, pois, um cenário de esperanças e temores. Esperança de uma vida melhor, esperança de deixar o canavial, que paradoxalmente entrelaça-se ao medo da extinção do corte manual da cana, que lhes suprimiria o trabalho que garante a própria existência. Medo de não conseguir realizar os próprios objetivos que se situam muito além do canavial. Desse modo o futuro esconde-se na sombra do presente, e o sonho de uma existência diferente da que o presente oferece, comanda suas vidas.

Referências

ALVES, Francisco. Processo de trabalho e danos à saúde dos cortadores de cana. *INTERFACEHS - Revista de gestão integrada em saúde do trabalho e meio ambiente* - v.3, n.2, abr./ago. 2008. Disponível em www.interfacehs.sp.senac.br Acesso em 10. dez.2009.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo – a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRITO, Jussara, OLIVEIRA, Simone. Divisão sexual do trabalho e desigualdade nos espaços de trabalho. In: SILVA FILHO, J.F.; JARDIM, Sílvia (org.) *A danação do trabalho: organização do trabalho e sofrimento psíquico*. Rio de Janeiro: Te Corá Ed., 1997.

CASAL, Joaquim. Elementos para un análisis sociológico de la transición a la vida adulta. *Política y sociedad*. Barcelona, n.1, 1988, p. 97-104.

CASTRO, Mary Garcia. (Coord) *Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situações de pobreza*. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.

Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127136porb.pdf>
Acesso: 18/01/2013.

FEIXA, Carles. *De jóvenes, bandas y tribos*. Barcelona: Ariel, 1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil. In: NOVAES, Regina. VANNUCHI, Paulo (org.) **Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL CALVO, Enrique. A roda da fortuna: viagem à temporalidade juvenil. In: PAIS, José Machado; BENDIT, René; FERREIRA, Vítor Sérgio (Orgs). *Jovens e rumos*. Imprensa de Ciências Sociais: Lisboa, 2011.

HEMINGWAY, Ernest. Por quem os sinos dobram. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HIRATA, Helena. Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero. *Revista Latinoamericana de estudios del trabajo: Gênero, Tecnologia e Trabalho* ano 4, n. 7, 1998: p.5-27.

KERGOAT, Danièle. Em defesa de uma Sociologia das relações sociais - da análise crítica das categorias dominantes à elaboração de uma nova conceituação. In: *O Sexo do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KOWARICK, Lúcio. Capitalismo e marginalidade na América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MORAES, Maria Aparecida de. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.

_____. *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, trabalho e futuro*. Porto: Ambar, 2003.

SCOTT, Joan Wallace. Entrevista. *Estudos Feministas*. Vol. 6 n.1, 1998. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1998, p. 115-124.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol.20, n.2, jul./dez. 1995, p. 71- 99.